

## MARGARIDA OLIVA

**P.** *Margarida, todos nós procuramos o programa de Ciências da Religião da PUC por alguma razão. Qual foi a sua?*

**R.** A minha Motivação vem de longe. Em 1960, pedi exoneração do magistério (era professora de inglês) para ir trabalhar com missionários canadenses em Peri-Mirim, interior do Maranhão. Foi uma experiência marcante. Respirava-se lá, ainda, ares do século passado. Os missionários canadenses foram os primeiros padres residentes no local. Até então, a religião do povo era sustentada pelos rezadores, que se utilizavam de um livrinho de orações impresso em 1840. Foi uma amostra autêntica da genuína religiosidade popular.

**P.** *Quanto tempo você ficou lá?*

**R.** Dois anos. Ao voltar para São Paulo, acabei lecionando religião, em escolas particulares. Quando me aposentei, já estava dando aulas de Bíblia, num curso de Iniciação Teológica, na Região Sé. Achei que devia procurar aprofundar meus estudos bíblicos, e procurei o conselho de Fr. Gorgulho, que tinha indicado meu nome para aquele curso. Foi ele quem me encaminhou para a Pós-graduação em Ciências da Religião. Me lembro bem da primeira aula: Filosofia da Religião, com o prof. Alípio. Uma sala pequena, lá no último andar, uns quinze alunos. E a pergunta do professor, que queria saber qual era o projeto de cada um. A minha resposta: “Nesta altura da vida, professor, não tenho mais projetos! Vou fazendo o que me aparece pela frente...” Foi só risada... mais do que as nossas agora...

**P.** *E como é que “O Diabo e o reino de Deus” te apareceu pela frente?*

**R.** Naquela ocasião, fins de 198, assisti a uma entrevista de D. Paulo Evaristo Arns, na TV. Um telespectador perguntou “por que proliferam as seitas?”. Era uma pergunta provocativa, que sempre surgia nos meios de comunicação. As respostas dadas ou sugeridas não me satisfaziam. Foi assim que nasceu o meu projeto de pesquisa.

**P.** *Como foi a elaboração de sua dissertação?*

**R.** Não foi fácil. Apesar de ser um assunto sobre o qual eu vinha refletindo desde há mais de trinta anos - a questão de religião, religiosidade e fé -, faltava-me lastro acadêmico. Não bastava externar minhas opiniões. Era preciso validá-las com argumentos

de autoridade. As minhas leituras anteriores eram muito dispersas. Descobri que precisava aprender a ler... Li muito, mas não tudo o que queria e precisava. Às vezes, tive que ler duas ou três vezes o mesmo livro... Os professores me estimularam muito. Principalmente Gorgulho, Queiroz, Alípio, Wanderley e Ênio Brito. Aliás, no meu tempo na pós-graduação, eram os quatro primeiros que, praticamente, sustentavam o Programa, que depois cresceu muito. Aumentou o número de alunos e de professores. Parece que está cada vez melhor e até me dá vontade de fazê-lo de novo!

**P.** *Corno você se sente tendo sua dissertação transformada em livro?*

**R.** Um livro é como um filho que a gente bota no mundo e fica na expectativa do que vai acontecer... Como será acolhido? Compreendido? Apreciado? O retorno, por enquanto, tem sido gratificante. Pessoas amigas me disseram que era uma leitura agradável; houve quem dissesse que ficou com a “cuca fundi da”; um teólogo, em Recife citou-o como “exemplo de como fazer ciência de maneira simples”; houve críticas simpáticas nas revistas SBPM (Sociedade Brasileira de Pesquisa de Mercado) e em “Pergunte e responderemos”; uma leitora desconhecida escreveu-me, empolgada, antes mesmo de terminar o livro...

**P.** *o que você gostaria de dizer, para terminar?*

**R.** o que já disse muitas vezes: a gente nunca deixa de ser aluna... Estamos sempre aprendendo e descobrindo o quão pouco sabemos! Terminada a dissertação e publicado o livro, ainda não estou satisfeita... Os projetos agora fervilham na minha cabeça!